

O GENERAL SEM MEDO

"Operação Outono", um filme de Bruno de Almeida, chegou esta semana aos cinemas. Optando pelo rigor histórico, reconstitui a armadilha fatal montada em 1965 pela PIDE ao general Humberto Delgado, o principal inimigo de Salazar, que sete anos antes lhe roubara a eleição presidencial

Texto José Pedro Castanheira

O filme inspira-se na biografia do general escrita por um dos netos, Frederico Delgado Rosa — "Humberto Delgado. Biografia do General Sem Medo" (Esfera dos Livros, 2008). Baseado na autópsia dos cadáveres de Delgado e da sua secretária, Arajaryr Campos, e em posteriores exames periciais, realizados em Espanha, o livro põe em causa as conclusões do Tribunal Militar de Lisboa, no seu acórdão de 27 de julho de 1981. Para os juizes do tribunal de Santa Clara, o autor material de ambos os crimes foi o agente da PIDE Casimiro Monteiro, que para tanto usou uma pistola. Acontece que os médicos legistas espanhóis descartaram a hipótese de as lesões que causaram as mortes terem sido provocadas por balas. Tendo como base estes exames, o biógrafo adianta a opinião de que o instrumento do duplo crime terá sido "a coronha da própria arma de fogo, usada como contundente, ou uma barra ou algum outro objeto metálico". É inspirado por esta leitura que o rea-



lizador organiza as últimas cenas do filme — particularmente violentas —, com Casimiro Monteiro a assassinar o general e a secretária com um pé de cabra.

Diferentes destas versões foram as apresentadas por três dos quatro membros da brigada da PIDE que montou a armadilha na localidade raiana de Villanueva del Fresno. Todas elas são distintas, mas a que mais influenciou os juizes foi a de Rosa Casaco, que chefiou a brigada assassina. O ex-inspetor sempre sustentou que Delgado e Arajaryr foram mortos a tiro de pistola — o primeiro por Casimiro Monteiro, a segunda por Agostinho Tienza (imputação que este desmentiu). Foi assim numa declaração feita em Madrid em 1974 aos investigadores do crime e reafirmada numa polémica entrevista ao Expresso em fevereiro de 1998, na qual classificava Monteiro de "um facinoroso", que "matava a torto e a direito", ao mesmo tempo que se dizia "enganado" pela cúpula da PIDE. Versão confirmada no seu livro "Servi a

Pátria e Acreditei no Regime" (2003), insistindo em que Monteiro e Tienza já "iam predestinados e preparados". Casimiro Monteiro foi o único membro do grupo que jamais depôs sobre o crime. Transferido para Moçambique depois de consumada a "Operação Outono", fugiu para a África do Sul a seguir ao 25 de abril e foi julgado à revelia. Transformado em bode expiatório, acabou por ser condenado pelo tribunal como o único assassino.

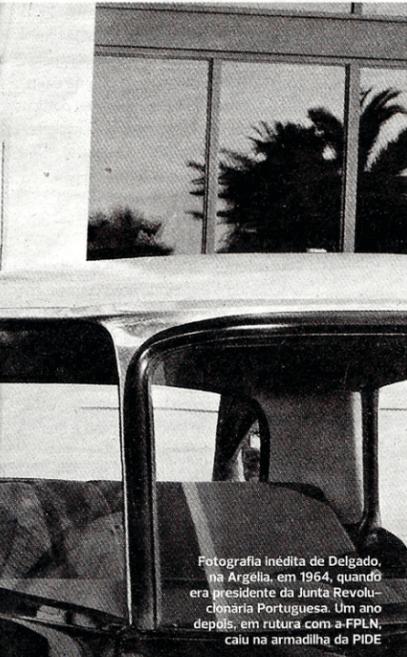
Se, meio século depois do crime, ainda subsistem dúvidas e interrogações em torno dos seus contornos e mandantes, um ponto faz a unanimidade dos historiadores, da esquerda à direita: Humberto Delgado foi o principal inimigo de Oliveira Salazar. Sobretudo a partir de 1958, quando desafiou o ditador e quase promoveu um levantamento nacional.

Nascido em 15 de maio de 1906, na aldeia de Boquilobo (Torres Novas), Humberto da Silva Delgado teve um percurso militar convencional, entrando,

16 | ATUAL | 24 de novembro de 2012 | Expresso

ainda criança, no Colégio Militar. Aos 20 anos participa no golpe de 28 de maio, que implanta a ditadura militar e abre caminho a Salazar. Adepto do novo regime, é procurador à Câmara Corporativa, até que, em 1952, é nomeado adido militar na embaixada de Portugal em Washington. Os cinco anos nos EUA, onde, já promovido a general da Força Aérea, chefia a missão militar junto da NATO, transformam completamente a sua maneira de olhar para o país, para o regime e sobretudo para Salazar.

Quando chega dos EUA, em finais de 1957, é nomeado diretor-geral da Aeronáutica Civil. Longe de ser uma recompensa, é uma despromoção de um oficial brilhante e ambicioso, que encara Salazar como



Fotografia inédita de Delgado, na Argélia, em 1964, quando era presidente da Junta Revolucionária Portuguesa. Um ano depois, em rutura com a FPLN, caiu na armadilha da PIDE

o general Norton de Matos em 1949 e o almirante Quintão Meireles em 1951. Quem não alinha é o clandestino PCP, que não esconde a sua animosidade perante o perfil de Delgado, apontado no jornal "Avante!" como um "general fascista americanizado". Mais tarde, chamar-lhe-á mesmo "General Coca-Cola". Os setores influenciados pelo PCP avançam com um candidato próprio, o advogado Arlindo Vicente. Por seu turno, Oliveira Salazar, descontente com alguns laivos de autonomia por parte do Presidente Craveiro Lopes, decide não voltar a candidatar a um segundo mandato de sete anos. Para o seu lugar escolhe o almirante Américo Tomás, um apagadíssimo ministro da Marinha durante 14 anos.

A primeira ação de campanha é uma conferência de imprensa concedida a 10 de maio no Café Chave d'Ouro, no Rossio de Lisboa. A primeira pergunta é feita pelo jornalista Lindorfe Pinto Basto, correspondente da agência Lince-Press em Lisboa: "Sr. general, se for eleito Presidente da República, que fará do Sr. Presidente do Conselho?" Contrariando a prudência do politicamente correto para que a aconselhado por alguns dos mais influentes apoiantes, Delgado sai-se com uma resposta que passará para a História: "Obviamente, demito-o!" Estava dado o mote do que seria toda a campanha. "Foi como a erupção de um vulcão", reconhecerá o próprio nas suas "Memórias de Humberto Delgado" (1991). Aos microfones do Rádio Clube Português, o advogado socialista António Macedo não hesita em batizar Delgado de "o general sem medo". A campanha ganha um fortíssimo alento na visita ao Porto, assim descrita pelo biógrafo Frederico Delgado Rosa: "Era a capital do Norte toda ela despejada na sua baixa, numa das maiores concentrações humanas da História de Portugal."

Temendo novo banho de multidão, as autoridades proibem o general de cumprir o percurso programado em Lisboa, enquanto a cavalaria da GNR carrega sobre a mole humana. O principal comício em Lisboa realiza-se a 18 de maio, no ginásio do Liceu Camões, cheio como um ovo. Cá fora, as forças repressivas limpam toda a zona em redor e os cavalos da GNR chegam a entrar no Café Monte Carlo. Delgado percorre quase todo o país, sistematicamente perseguido pela polícia política. O único registo sonoro que sobreviveu da campanha foi o do comício de Chaves, com Delgado premonitório: "Eu estou pronto a morrer pela liberdade!"

O movimento popular em torno do general eclipsa a candidatura de Arlindo Vicente. Os dois candidatos celebram o chamado "Pacto de Cacilhas", mediante o qual Arlindo Vicente desiste, para "trabalhar em conjunto" com Delgado.

As eleições realizam-se a 8 de junho. Os resultados dão a vitória a Américo Tomás, com 75,8% dos votos, enquanto a Delgado são atribuídos 236.528 votos, ou seja, 23,6%. "Toda a gente dizia que deveria ter sido ao contrário", comentará Delgado, a quem é reconhecida a vitória em apenas 15 concelhos, cinco dos quais pertencentes ao distrito de Santarém, de onde é natural: Santarém, Cartaxo, Alcarenha, Almeirim e Alpiarça, onde regista o melhor

resultado, com 82,6% ("Humberto Delgado. As Eleições de 58", 1998). A "chapelada" é comentada pelo "The New York Times": o vencedor "não terá qualquer poder e o Dr. Salazar bem podia ter escolhido o primeiro polícia de trânsito que lhe aparecesse".

Na manhã do dia seguinte às eleições, o general dá nova conferência de imprensa. "Fui roubado!", acusa, mas as suas palavras são, obviamente, censuradas. Inconformado, impugna as eleições — obviamente, sem sucesso. "A campanha eleitoral deixou no país uma sensação de mal-estar", reconhecerá Marcello Caetano; "o prestígio do Dr. Salazar andava por baixo" ("Minhas Memórias de Salazar", 1977).

Acossado, o regime decide livrar-se de tão incómoda companhia. O ministro da Defesa, Santos Costa, exonera-o de diretor da Aeronáutica Civil, e Delgado passa a ficar na dependência do subsecretário de Estado Kauliza de Arriaga, que lhe instaura um processo disciplinar. A 8 de janeiro de 1959, o Governo retira-lhe a imunidade. O cerco aperta-se. Quatro dias depois, o general pede asilo político ao embaixador do Brasil em Lisboa, Álvaro Lins. Na embaixada brasileira, acompanha a revolta da Sé, de 11 para 12 de março. É mais um dos muitos golpes a que se associa. Iva Delgado e Carlos Pacheco falam mesmo de uma "obstinação" em "derrubar o regime pela única via que considerava possível — a via das armas" ("A Tirania Portuguesa", 1995).

Após negociações entre as diplomacias portuguesa e brasileira, Delgado abandona a embaixada e toma um avião com destino ao Rio de Janeiro, onde chega a 21 de abril, Dia do Tiradentes, o heróico patrono da independência do Brasil. Em solo carioca, beija a bandeira de Portugal. Ao asilo segue-se o

O único registo sonoro que existe da campanha é o do comício de Chaves. Delgado foi premonitório: "Eu estou pronto a morrer pela liberdade!"

exílio, em que jamais deixará de conjurar contra Salazar, ao mesmo tempo que é, desde o primeiro dia, permanentemente vigiado pela PIDE.

No país irmão, conspira com Henrique Galvão, que entretanto conseguira fugir do hospital, pedindo asilo na embaixada da Argentina. O capitão prepara um espetacular golpe de mão, a "Operação Dulcineia". Trata-se do assalto ao navio "Santa Maria", orgulho da Marinha portuguesa. A frente de um comando de militantes portugueses e espanhóis, que se opõem às ditaduras de Salazar e de Franco, Galvão apodera-se do navio em pleno Atlântico. O "Santa Maria", rebatizado de "Santa Liberdade", rumo à cidade brasileira de Recife, onde a 1 de fevereiro Humberto Delgado sobe a bordo. A notícia corre mundo e cobre de humilhação o regime de Lisboa.

Incansável, o general avança para nova operação, com o nome de código "Íkaro". O foco é o quartel de Beja, assaltado por um comando na última noite de

Expresso | 24 de novembro de 2012 | ATUAL | 17



Na fila de cima, os principais protagonistas do crime de Villanueva del Fresno: Humberto Delgado, Arajaryr Campos, Mário de Carvalho, Rosa Casaco, Ernesto Lopes Ramos, Agostinho Tienza e Casimiro Monteiro. Na fila de baixo, os atores escolhidos pelo realizador Bruno de Almeida para os representar: o norte-americano John Ventimiglia, a brasileira Renata Batista e os portugueses Diogo Dória, Carlos Santos, Nuno Lopes, Marcello Urgeghe e Pedro Efe

1962. A componente civil é liderada por Manuel Serra, um militante católico envolvido no golpe da Sé, sendo o homólogo militar o capitão Varela Gomes. Acompanhado da secretária e companheira, a brasileira Arajaryr Campos, Delgado entra em Portugal a 30 de dezembro, hospedando-se numa pensão em Lisboa. Vem disfarçado: bigode postiço, cabeça rapada e óculos. O golpe fracassa redondamente. Delgado passa 12 dias clandestino em Portugal, desdenhando das autoridades, que promovem uma fracassada caça ao inimigo público número um de Salazar.

Datam de 1962 os primeiros sinais da "Operação Outono", que, no dizer de Alfredo Caldeira, visava o "cerco e aniquilamento" do general. Para grandes males, grandes remédios. Peça chave nesta operação é Mário de Carvalho, um suposto resistente antifascista exilado em Roma e futuro colaborador da PIDE e que não mais deixará de assediá-lo.

Em dezembro de 1962, as várias correntes da oposição reúnem-se para constituir a Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN). Em maio do ano seguinte, Delgado avista-se finalmente com o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, que sabe ser o principal parceiro na FPLN. O encontro é na Checoslováquia, com os dois homens a discutir a organização da FPLN, que tem a sua sede numa conferência, em Praga, em maio de 1963, dela emergindo a Junta Revolucionária Portuguesa, presidida pelo próprio Delgado. Assim que a conferência termina, o general dá entrada num hospital de Praga, onde é submetido a uma cirurgia — sequência de uma outra, realizada um ano antes no Rio de Janeiro. Segue-se, 13 dias depois, nova intervenção de urgência ao intestino. Durante a convalescença, de três meses, é dado à estampa em Inglaterra o seu livro "The Memoirs of General Delgado", cujo manuscrito desapareceu. No principal hospital checo, reservado à nomenclatura comunista, o general recebe Mário Soares e o Presidente da República da Argélia, Ben Bella, que lhe oferece um ramo de cravos vermelhos...

Aceitando o convite e o apoio do chefe de Estado argelino, despede-se de vez do Brasil e instala-se, em junho de 1964, em Argel. Ao chegar, saúde o povo português através da rádio. Logo depois, o governador da FPLN, "Portugueses, repito agora: Voltarei! Voltarei! Voltarei! Para ganhar, não para perder."

Em Argel, todavia, nada corre bem com os seus companheiros de Junta Revolucionária. Às divergências políticas e estratégicas somam-se tensões de carácter pessoal, envolvendo Piteira Santos, Tito de

Morais, Rui Cabeçadas e Pedro Ramos de Almeida. A este representante do PCP, Delgado chega a proibir por escrito que lhe estenda a mão.

Definitivamente dececionado com Argel e com a FPLN, o general está cada vez mais isolado. Acrescem os problemas de saúde, que lhe aumentam a ânsia por uma ação capaz de derrubar o ditador. O ódio a Salazar é uma obsessão, que o deixa ainda mais vulnerável aos planos da PIDE, que, paciente e aconsoada, avança a "Operação Outono".

Em Roma, Mário de Carvalho, aproveitando nova cirurgia de Delgado, aprofunda a sua proximidade. A etapa seguinte é, em função no hotel Caudmartin, em Paris, a 27 de dezembro de 1964. O general, acompanhado de Carvalho, avista-se com um advogado opositor de nome Ernesto e Sousa — que não passa do inspetor da PIDE Ernesto Ramos, disfarçado e enviado a Paris pela direção da polícia política. Insinuante, Castro e Sousa, com a ajuda de Mário de Carvalho, convence o general a comparecer a um encontro com "oficiais" das Forças Armadas, dispostos a participar em mais um golpe capaz de afastar Salazar. O encontro é apazado para 13 de fevereiro de 1965, nos arredores de Badoz. Encontro fatídico: em vez dos prometidos oficiais reviraltistas, Delgado depara com uma brigada da PIDE, chefiada pelo inspetor Rosa Casaco. O desfecho da armadilha é conhecido — e dele nos fala o filme de Bruno de Almeida.

Depois do 25 de abril, Humberto Delgado é reintegrado nas Forças Armadas e Humberto Delgado é reintegrado a marçal. Por decisão unânime da Assembleia da República, os seus restos mortais são trasladados para o Panteão Nacional no dia 5 de outubro de 1990. O elogio fúnebre é feito por Emídio Guerreiro, velho companheiro do general: "Humberto Delgado, na sua campanha eleitoral, disse aos portugueses: 'Não tenhais medo, se não o tiverdes, não o tirano terá medo.' E por isso ficou na História como o General Sem Medo." A

jpcastanheira@expresso.imprensa.pt

THRILLER POLÍTICO

Fazer um filme sobre o assassinio de Humberto Delgado seria uma ideia tão óbvia se o assunto fosse americano, francês ou italiano quanto exterior ao cinema português, algo avesso a fixar casos mediáticos. Mas eis que Bruno de Almeida — talvez por ter tido longa permanência em Nova Iorque — não se acomoda aos usos do burgo e avança de peito feito para um terreno erigido de espinhos. É que, seja pela verdade dos factos (num caso onde a verdade tem sido uma substância plástica), seja pelo tom a dar à ficção (todo o cinema é um faz de conta), seja por melindres políticos (são de diversos sectores os que preferem que não se mexa no assunto), "Operação Outono" é uma tarefa de risco. Diga-se que Bruno de Almeida leva a água ao seu moinho com eficácia — ou seja, não se deve ignorar este filme. Competente é o trabalho de argumento, articulando o evoluir da ação com desembarcamento, mantendo expectativas, na tradição do thriller político, que em particular em Itália tem tradições. Mas falta informação enquadradora do percurso de Delgado que torne o filme mais legível para quem tudo ignore do caso e dos seus intervenientes. Logo numa das primeiras cenas, na reunião do general em Argel com a FPLN, interroguei-me se um espectador não informado seria capaz de passar em pleno o que se estava a desfrutar e quem era aquela gente... Isso complica um pouco o travejamento da ficção, que até é justa no modo como figura pessoas e eventos. Rigorosa é a escolha e o trabalho da maioria dos atores, da brutalidade de Carlos Santos no papel de Rosa Casaco à repulência que Marcello Urgeghe representa a Agostinho Tienza ou à fera crua que Pedro Efe dá a Casimiro Monteiro. A necessária dobragem torna o papel de Delgado de John Ventimiglia no oscilante de Delgado? É verdade, mas não por demérito do ator, que abona o general com a truculência corajosa e algo temerária que é um dos traços dominantes da sua personalidade. Jorge Leitão Ramos

OPERAÇÃO OUTONO
de Humberto Delgado (Portugal)
com Bruno de Almeida, Carlos Santos, Marcello Urgeghe
Drama histórico M/12